



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

INDICAÇÃO Nº 2056/2023

Indico estudos que visem a criação do programa de Afeto e Abraços em nosso município.

Indico ao Senhor Prefeito Municipal a necessidade de entrar em entendimento com o setor competente, no sentido de realizar estudos que visem a criação do programa de Afeto e Abraços em nosso município.

Nosso mandato teve conhecimento, através da matéria veiculada no jornal Folha de S. Paulo na data de hoje (foto anexa), de um programa adotado no Ceará, denominado ACT (do inglês "ACT Raising Safe Kids", educar crianças em ambiente seguro), que nos tocou o coração.

O programa de Afeto e Abraços consiste na quebra do modelo de educação violenta na primeira infância, oferecendo encontros às famílias cadastradas nos Centros de Referência de Assistência Social - CRAS, que em sua maioria não receberam afeto e sequenciam a violência e a cultura da palmada de forma naturalizada.

Como demonstrado na reportagem que segue anexa, o programa obteve um retorno enorme. O resultado após nove encontros demonstrou que as crianças mais agressivas passaram a ter uma convivência mais afetiva e respeitosa com os pais.

É muito importante que o número de encontros não seja pequeno, pois é necessário que se forme um vínculo, que as famílias criem confiança nos profissionais e como já citado na matéria, o sexto encontro é fundamental, porque é nele que se faz uma viagem no tempo para classificar o comportamento adotado pelos pais. Em cada encontro é abordada uma dinâmica diferente.

O estímulo ao diálogo e a reflexão, através das dinâmicas, e principalmente, o reconhecimento do convívio familiar e onde ele se enquadra.

Os encontros são feitos em cima da escuta, com famílias de crianças com até 8 anos de idade, que são convidadas a participar dessas reuniões e que estejam em situação de vulnerabilidade.

É uma tomada de consciência para muitos pais, mães e cuidadores, que acreditam que aquele modelo que aprenderam na infância é o único possível para educar seus filhos.

Segundo relato de uma facilitadora do programa, a transformação no semblante das mães quando elas entendem que aquela nova percepção e estratégia de



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

educar, sem gritos, sem palmadas fortalece a identidade de seus filhos como pessoas potentes e cheias de autonomia e traz um benefício muito maior no progresso deles enquanto indivíduos. São recomeços baseados no amor, no afeto e no reconhecimento da criança como o ser mais importante, em qualquer fase da vida. Significa amor pelas nossas crianças e suas famílias.

Nos dias atuais, é crucial discutir saúde mental. Infelizmente têm acontecido tragédias, e oferecer programas que proporcionem acolhimento e falem sobre amor, faz toda a diferença. São pequenos gestos e atitudes capazes de mudar o comportamento não só em casa, mas na escola, no bairro e na vida. Um comportamento modificado que trará melhoras em todas as relações.

É investir no futuro dessas crianças, no cuidado, mostrando que a educação é capaz de transformar, com uma escuta atenta, um abraço carinhoso e a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Diante do exposto, solicito que seja estudada e adotada a criação do programa no nosso município, pensando nessas crianças e famílias que precisam de uma escuta atenta, de uma palavra de carinho, aprender e compreender que o afeto é revolucionário!

Na expectativa de uma breve manifestação a respeito, ensejo para reiterar meus votos e estima e apreço.

Sala de Sessões “Plínio de Carvalho”, 10 de abril de 2023.

FABI VIRGÍLIO



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

cotidiano

Para acabar com cultura da palmada, CE adota programa de afeto e abraços

Pais de crianças com até 8 anos de regiões em vulnerabilidade participam dos encontros em 24 cidades

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Após detectar, em uma pesquisa realizada em 15 municípios, que 85% das famílias ou cuidadores, de variadas classes sociais, admitiram já ter adotado práticas de disciplina punitiva contra crianças — como castigos, palmadas ou gritos —, o governo do Ceará decidiu adotar um programa tenta quebrar o modelo de educação violenta na primeira infância.

Desde o ano passado, pais que tenham filhos de até oito anos vivendo em regiões de vulnerabilidade são convidados para o ACT (do inglês "ACT Raising Safe Kids", educar crianças em ambiente seguro), que está dentro do programa Mais Infância Ceará.

A ação, que abrange 24 cidades do estado, incluindo a capital, Fortaleza, oferece nove encontros semanais com o intuito de fazer os responsáveis refletirem sobre a forma como aquelas crianças são criadas. Cada turma tem no máximo 15 pessoas, frequentadas majoritariamente por mulheres.

Para participar, as famílias precisam estar cadastradas no Cras (Centro de Referência e Assistência Social), de acordo com Onélia Santana, secretária estadual da Proteção Social. Nesse período, ela diz, 1.200 delas já foram atendidas.

"A ideia é romper com esses ciclos de violência e com os modelos que reproduzem as agressões, como revelou a pesquisa da PIPAS [Primeira Infância para Adultos Saudáveis], feita em 2019. Os pais desses pais geralmente também são criados na metodologia da palmada e da linguagem violenta."

As reuniões do ACT são feitas em cima da escuta, diz Onélia. "Os pais falam do convívio familiar, das dificuldades em criar aqueles filhos e dos desafios. Eles refletem sobre suas ações."

A secretária dá um exemplo. "Quando a criança se joga no chão e faz birra, perguntamos qual foi a reação da mãe ou do pai. Muitos responderam: 'Eu bati, botei de castigo, puxei a orelha, o cabelo'. Cada um



Tania de Matos, 30, com o filho John Ícaro, 8; eles passaram a se abraçar depois do programa ACT. Shelya Castelo Branco/SPS

conta sua história e desabafa."

Os encontros são guiados por 190 profissionais espalhados pelo estado, treinados nessa metodologia desde 2021. São assistentes sociais, psicólogos, psicopedagogos ou fonoaudiólogos que fazem intervenções nas falas desses pais para estimular o diálogo e a reflexão, também, por meio de dinâmicas em grupo.

"É impressionante o resultado após os nove encontros. A criança agressiva passa a ter convívio mais afetiva e respeitosa com os pais. Vira outra relação", afirma a secretária.

A dona de casa Tania de Matos, 30, participou da turma de dezembro do ano passado. Ela não tinha o hábito de abraçar

as pessoas, nem mesmo seu filho, John Ícaro, 8, que buscava nela esse afeto.

Criada pela mãe, tias e irmãs, ela diz que cresceu num ambiente em que não havia contato de carinho e cada um ficava no seu canto. Com isso, veio à tona nela uma timidez profunda. Após participar do ACT, ela percebeu que estava criando seu menino de forma distante, repetindo a experiência que ela viveu na infância.

"Eu estranhava. O John vinha me abraçar e eu não queria, eu me distanciava dele. Ele pedia carinho e eu estava sempre ocupada com o celular ou assistindo a TV. Quando ele fazia birra, a minha reação era bater nele. Cresci achando is-

so normal. Ele acabou se isolando também. Mas hoje somos unidos, leio para ele, criamos brincadeiras juntos, fazemos biscoitos e assistimos filmes, coisa que ele não gostava antes."

Durante as reuniões, as mães — maioria — choram quando se dão conta que estão reproduzindo um comportamento do qual elas próprias foram vítimas, assim como seus pais, segundo Dagmar Soares, coordenadora do Mais Infância Ceará.

Isso acontece especialmente no sexto encontro, ela diz, quando a turma faz uma espécie de viagem no tempo para classificar o comportamento de seus pais, que vai de autoritário ao negligente.

Dagmar diz ter visto relatos de pais que na infância ouviram frases como "engole o choro" ou "macho não abraça homem". Para ela, é fundamental prevenir a violência contra as crianças.

"Essas pessoas não receberam afeto. Como elas vão dar o que não têm? Muitas choram quando se dão conta de que repetem aquele comportamento e assim admitem que também gritam e mandam calar a boca. É revelador."

Na sociedade brasileira as pessoas aprendem que o amor e a violência caminham juntos, segundo a pesquisadora Elvira Pimentel Parente, membro do Gepam (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral) e doutoranda em educação pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

"Somos criados associando educação ao 'dar limite'. Não temos repertório diferente para fazer diferente. É preciso cuidado quando falamos de educação não violenta para não culpar só a família. Muitas vezes os parentes também foram vítimas e não fazem de outro jeito porque não sabem como fazer. Por isso a importância de políticas públicas que ajudem a encontrar esse caminho."

Tania também viveu esse drama e reprimiu o filho. Ela afirma que John sempre foi curioso, mas que o advertia com frases como "criança não tem que se meter em papo de adulto". Hoje, ela entende a reação do filho e sabe como lidar com suas birras ou perguntas, encaráda por alguns pais como afronta.

"Com o aprendizado da ferramenta ACT, agora eu já deixo o John extravasar. Depois sento e converso com ele, pergunto o que está sentindo. Resolvemos com diálogo porque eu entendi que naquele momento eu sou o adulto da relação, eu tenho que ser a paz que ele precisa."

O pai do menino, que antes chegava do trabalho e não ficava com ele por estar exausto, hoje dedica seu tempo a John. "É o tempinho dos dois. Tudo mudou, até a timidez deixei para trás. [O programa] foi um divisor de águas que abriu nossos olhos, mostrou que podemos ser melhores com nossos filhos do foram com a gente."

Três fundações contribuíram para o projeto, Maria Cecília Souto Vidigal, Bernard Van Lear e Porticus. Juntas, elas investiram R\$ 2,3 milhões no programa cearense e são responsáveis por repassar a metodologia ACT aos servidores do estado e dos 24 municípios.

“Essas pessoas não receberam afeto. Como elas vão dar o que não têm? Muitas choram quando se dão conta de que repetem aquele comportamento”

Dagmar Soares
coordenadora do
Mais Infância Ceará